

[FILOSOFIA][FILOSOFIA][FILOSOFIA]

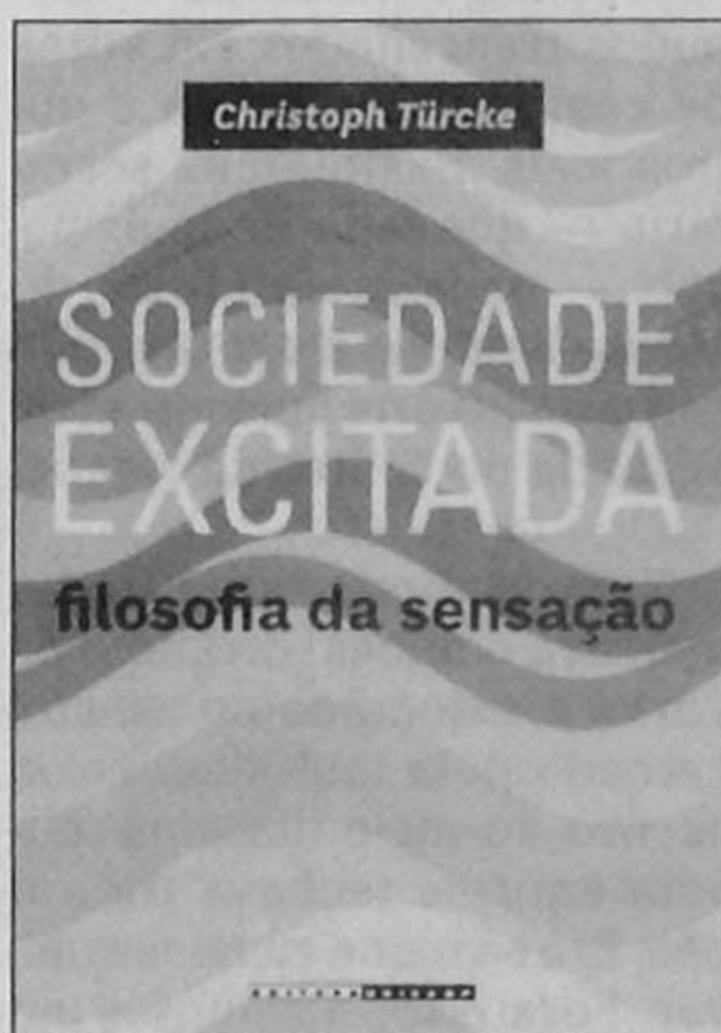
Entre a sensação e o sensacionalismo

Pensador propõe 'legítima defesa cotidiana' aos estímulos para transformar choque audiovisual em reflexão

Sociedade excitada —
Filosofia da sensação, de
 Christoph Türcke. Tradução de
 Antonio A.S.Zuin, Fabio A. Durão,
 Francisco C. Fontanella e Mario
 Frungillo. Editora Unicamp, 328
 páginas. R\$ 88

Alberto Pucheu

Todo grande livro de filosofia traz em si uma polémica: um contra o quê e um a favor de o quê está se posicionando. Diagnosticando o sintoma de uma doença e oferecendo um remédio, o filósofo age como um médico da sociedade. Se a plena cura não é mais possível, se nenhuma política, arte e saber científico conseguem ser inteiramente imunes à doença constatada, é preciso, ao menos, um remediador, que, ao mostrar as condições desde as quais a doença emerge, proponha uma saída, em nome de se alcançar a melhor saúde a se ter em nosso tempo. Sendo um grande livro de filosofia, qual o sintoma diagnosticado por "A sociedade excitada" e qual o remédio que o livro propõe?



Retomando, sobretudo, a questão de Guy Debord a partir de uma renovação da escola de Frankfurt, Christoph Türcke se utiliza de um manancial teórico que, desde a filosofia, acolhe a história, a crítica social, a psicanálise, a teologia, a arqueologia, a neurofisiologia e a arte. Acolpado a uma erudição que o faz realizar uma genealogia da sensação desde o pavor e a epifania do sagrado do homem pré-histórico, passando pelos gregos, atravessando os medievais e os modernos, até chegar aos dias

atuais, todo esse arsenal do pensamento está voltado a entender a nossa sociedade através de uma "filosofia da sensação".

Se a sensação significa primeiramente uma percepção qualquer, comum, de um sujeito, ela se transforma na percepção daquilo que, incomum, ganhando intensidade, chama mais atenção, para tornar-se, ainda, o próprio objeto que chama atenção ou causa sensação, o objeto sensacional(ista), espetacular. Anestesiando a sutileza de nossa sensação, impedindo-nos de perceber o que nos é mais decisivo e nos impondo um congestionamento ou uma inflação de estímulos cada vez mais fortes, a sociedade moderna, com os choques audiovisuais, a excitação do espetáculo e a pressão do noticioso dos meios de comunicação de massa, se torna uma "sociedade da sensação", digo, uma sociedade da insaciedade da sensação clichêrida.

Acidentes, crimes, perseguições, assassinatos, guerras, terrorismos, catástrofes naturais, aventuras idealizadoras, belezas inigualáveis, mercadorias feti-

chistas e toda sorte de exageros nos são oferecidos vinte e quatro horas por dia a ponto de tornarem o cotidiano, pela carência de excitações afins, incapaz de ser sentido ou, se percebido, entediadamente empalidecido diante da "injeção multissensorial" que afeta "o aparato sensorial ultrassaturado dos contemporâneos".

Diante do horror do vazio de não ser percebido

Enquanto o que não causa sensação, por seus estímulos de menos, vai desaparecendo, a sensação se transforma na percepção apenas do que causa sensação, das demasias do midiático sensacionalista espetacular. Como tais estímulos se esgotam rapidamente, cresce o apetite para estímulos sempre novos, incapazes de saciarem a demanda provocada por eles mesmos, gerando o vício. Seguindo Berkeley, que, no século XVIII, afirmou que "ser é ser percebido", Türcke afirma que "quem não chama a atenção constantemente para si, quem não causa uma sensação, corre o risco de não ser percebido".

Diante do horror do vazio de não ser percebido e, consequentemente, de estar morto para o jogo social, o sujeito de nosso tempo é aquele que, na era da globalização microeletrônica, tem uma compulsão existencial à emissão (de telefonemas, emails, torpedos, mensagens nas redes sociais, na interatividade midiática, nos confessional talks, nas múltiplas variações dos BBBs, nos logos, nas roupas de marca...) para, fazendo-se então de qualquer maneira percebido, poder, finalmente, ser.

Se este é um resumo do diagnóstico da transformação da sensação em sensacionalismo, qual o remédio proposto pelo livro? Para usar as belas expressões de Bourdieu e Benjamin, propõe-se um "contrafogo" e um "freio de emergência" ou, nas palavras do próprio Türcke, uma "legítima defesa cotidiana" à torrente de estímulos, que transforme o excesso do choque audiovisual em choque reflexivo. O que importa, então, politicamente como forma de resistência é propiciar um "rompimento com uma forma de percepção adormecida e acabada",

conseguindo, pela arte e pela filosofia (e pelo que mais possa ajudar), com suas sensações criadoras nas quais o processo de autoconscientização suplanta a predominância do espetacular, lançar minimamente os meios de comunicação contra eles próprios, separá-los minimamente de sua força já quase natural, de modo que ilhas de recolhimento ou de concentração favorecidas por sensações mais delicadas e complexas possam ser valorizadas.

Num momento em que, mostrando a hegemonia contextual do que se quer repelir, uma parcela da própria arte se encontra igualmente preocupada em produzir o que causa sensação, é preciso que a arte acione sua legítima defesa, inclusive, à si própria. O modo como isso pode ser feito é uma das perguntas instigantes que permanecem ao fim do livro, sendo ele, portanto, um desses raros que continuam a trabalhar no leitor mesmo tempos depois de terem sido fechados. ■

ALBERTO PUCHEU é poeta e professor de Teoria Literária da UFRJ